AVEIRO, 21 DE MAIO DE 1976 — ANO XXII — NÚMERO 1 110

Litoral

SEMANÁRIO

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

ROCHA E CUNHA

Evocação de UM AVEIRENSE NASCIDO HÁ CEM ANOS

EDUARDO CERQUEIRA

TENHO para mim que um dos deveres cívicos inalienáveis de qualquer cidadão com alguma compenetração da comunidade a que pertence e dos valores que a alicerçam e lhe dão perenidade, sequência e consciência colectivas e a caracterizam — se não individualizam — é não esquecer, dos mortos, aqueles que por méritos e acção e obras vivificaram as terras e lhes infundiram novos alentos ou as valorizaram com mais radiantes auras de prestígio.

O que verdadeiramente assegura a continuidade das terras personalizadas, com espírito de comunidade congregada, são os homens que erguem alto e flamejante o facho nesta estafeta que é o testemunho das obrigações de cidadania responsável, participante por motivos éticos e devoção, nas tarefas omnímodas e omni-solicitantes da colaboração integrante.

As terras só possuem elas próprias também personalidade — para além, porventura, do seu facies singularizador, geográfico e urbanístico — se alguns homens que nela nasceram, lhe fincaram os pés no solo e imprimiram o rasto da passagem actuante, e permaneceram presentes na memória, na admiração, no reconhecimento — e no exemplo suscitador.

E se, ao menos em certas datas — datas que são marcos cronológicos e pretextos de cívica reparação da frouxidão das nossas lembranças —, esses homens emergem do que nos afãs mais ou menos absorventes das lides quotidianas nos domina a atenção. E se, ao menos não esquecem, do passado, com a ingrata tendência para o soterramento mnésico, pessoal e colectivo, por sucessivas sedimentações do mais recente — os que nesse mesmo passado lançaram as bases mais sólidas e as sementes mais fecundas, gerescedoras e sustentadoras do futuro.

Uma omissão no prazo exacto pratiquei. E, acaso, mais que a generalidade dos concidadãos desta Aveiro, que felizmente está crescendo à custa de afluências alienígenas, mas se encontra na fase em que o intrínseco, o mais genuíno ainda não conglomeraram e assimilaram o contributo de convergências desirmanadas, eu deveria ter a memória alerta na oportunidade exacta.

Pois sucedeu que, confundido por uma fonte errónea e em que radi-

Continua na 3.ª página

ESPECTÁCULOS DE TEATRO

Encontra-se, presentemente, nesta cidade, o Grupo de Teatro de Fantoches «Perna de Pau» — agremiação subsidiada pelo Ministério da Comunicação Social que, no sentido de divulgar e incentivar este género de Teatro no País, passará a dar espectáculos e conferências nas diversas povoações concelhias. Para amanhã, sábado, está programado o primeiro dos referidos espectáculos, que terá lugar no Conservatório Regional de Aveiro Calouste Gulbenkian.

NÃO ACONTECEU... REACCIONÁRIOS

ARAÚJO E SÁ

«Reaccionário» é palavrão barato que se vulgarizou. «Pegou de estaca», como as calças nas mulheres, a música-pop nos jovens, as revistas pornográficas nos menopáusicos, o bikini nas praias e o presunto com melão nas ementas dos hotéis... Tudo, afinal, fruto do quadrante donde sopram os ventos e das modas que pontificam. Sempre foi assim (agora talvez mais...), pelo que «não aconteceu») ainda que tudo isto me possa espantar. Quere-me parecer que poucos haja que sejam capazes, hoje em dia, de esmurrar a cara a um atrevido saloio ou a um irresponsável analfabeto que vomite o slogan *patego a que já pouca importância se vem ligando: — «Você é* Reaccionário!».

Até porque ainda há por aí quem chame reaccionário a todo aquele que reage (e com todo o direito, acrescente-se) à infâmia, ao roubo, ao insulto, à calúnia, à mentira, à reivindicação injusta, à ameaça torpe, à vadiagem, aos assaltos, à governação descontrolada, à vigarice, às leis alinhavadas sobre os joelhos e às prisões sem justa causa. Reagir — dentro desta linha, claro está — é direito sagrado, é ne-

Continua na 5.ª página

CASA-MUSEU DE EGAS MONIZ

Por Decreto-Lei 347/76, de 12 do corrente,é criado. na dependência do Ministério da Educação e Investigação Científica, o Museu Nacional da Ciência e da Técnica. A sede será em Coimbra, podendo, todavia, ser criadas secções regionais em qualquer ponto do País. Entre outras instituições, considera-se desde já integrada no Museu Nacional da Ciência e da Técnica a Casa-Museu de Egas Moniz, em Avanca, a quel manterá a sua actual designação. No preâmbulo do aludido Decreto-Lei refere-se, além do mais:

«A existência de facto do Museu da Ciência e da Técnica precedeu a sua criação legal. É já hoje uma realidade promissora e o seu aparecimento ficará para sempre ligado ao entusiasmo criador de um jovem cientista de 70 anos: o professor doutor Mário Silva. Discípulo da Madame Curie, e ele próprio um ilustre professor e cientista, viu-se arredado da profissão docente por um acto de prepotência do anterior regime, que o fez cumprir a pena de quase três décadas de ostracismo por ter cometido o crime de ser antifascista. Recentemente reintegrado, já sem tempo para recuperar o potencial de docência definitivamente perdido, pôde, ainda assim, legar à Ciência, ao País e à cidade que o consagrou como grande mestre, um museu dedicado à inventariação, recolha, classificação, beneficiação e conservação das espécies com interesse para o conhecimento da história da ciência e da técnica».

No Concelho e no Distrito de Aveiro RESULTADOS ELEITORAIS

Em 30 de Abril transacto, demos, nesta página, genérica nota, na altura ainda provisória, do resultado das eleições para a Assembleia da República, a nível nacional e do nosso Distrito. Conseguimos obter, agora, os resultados eleitorais, já definitivos, que se registaram na cidade, no concelho e no distrito aveirenses, no que se refere aos quatro partidos mais votados: na cidade, o CDS alcançou a maioria em 5 freguesias (totalizando 9 498 votos), o PPD venceu em 3 freguesias (com 9 692 votos) e o PS alcançou vitória em 4 freguesias (9 483 votos). De notar que, em relação às eleições de 1975, o CDS aumentou em 6 021 votos, o PPD diminuiu em 4 667, o PS em 1 565 e o PC logrou mais 108 votos. Naquelas mesmas eleições, o MDP/CDE obteve 1 427 votos, sendo de presumir que, não tendo agora concorrido às eleições, os seus votos engrossariam o PC em 108 e os restantes teriam beneficiado o PS.

Relativamente ao Distrito, e comparativamente a 1975: o CDS, totalizando 72 842 votos, aumentou-os em 36 273; o PPD (com 113 705 votos) decresceu em 27 886; o PS (totalizando 100 082 votos) diminuiu em 4 576; e o PC, com 12 198 votos, aumentou em 2 265. Nas penúltimas eleições, o MDP/CDE obteve 12 785 votos, que, para a Assembleia da República eventualmente terão beneficiado o PC e o PS — sendo que tais votos, a favor do PC, foram mais sensivelmente relevantes em Espinho (433), na Vila da Feira (390) e Ovar (338). Nos concelhos de Albergaria-a-Velha, Anadia, Arouca, Ílhavo, Murtosa, Oliveira do Bairro, Vagos e Vale de Cambra, o PC viu diminuída a votação, mesmo sem a concorrência do MDP. Nos demais concelhos, os aumentos obtidos pelo PC situaram-se entre um mínimo de 5 e um máximo de 124 votos.

Esperamos poder vir a publicar, em mais elucidativos quadros, os números acima resumidos, com específica discriminação das freguesias do concelho de Aveiro e de cada um dos concelhos distritais.

UMA... FLOR ENTRE CARDOS ?

CANDIDATURAS À PRESIDÊNCIA

O MEU CINZEL DE BARRO

O meu cinzel de barro,
Esculpiu meus sonhos de criança.
Minha Pedra Angular, minha esperança!
Com meu cinzel de barro,
Esculpi a Liberdade de mil formas.
Em todas procurei a Perfeição
E em todas não a vi.
Meus sonhos de criança!
o meu cinzel de barro destrui.

23.III.976

ADRIANO PIRES

OBRIGAÇÕES DO TESOURO 1976

Dinheiro que vale ouro

O seu dinheiro pode mesmo valer ouro!
Por cada 5 Obrigações de 1.000$00, pode comprar uma Obrigação-Ouro de 500$00.
Estes 500$00 representam hoje, o preço médio de 3,819 gr. de ouro fino.
A Obrigação-Ouro tem a vida mínima de 2 anos. A máxima de 5. E rende um juro de 6% ao ano.
O Estado amortizará em cada ano um número fixo de Obrigações. A 1.ª amortização será feita em Maio de 1978. A última, em Maio de 1981.
Cada Obrigação-Ouro será paga pelo valor de 3,819 gramas de ouro fino. Valor calculado ao preço médio internacional de Londres.

E referido ao período anual que vai de Abril do ano anterior até Março do ano da amortização.
Assim, além do juro, se o ouro subir você ganha ainda mais. Porque receberá aquilo que valerem os 3,819 gramas de ouro fino.
Mas se o ouro descer, também não perde.
O Estado garante-lhe o mínimo de 500$00.
Exactamente o que subscreveu.
Como vê o seu dinheiro está absolutamente garantido.
E com outra vantagem: livre de impostos.
A partir de 10 de Maio e até 30 de Junho, compre Obrigações do Tesouro.
Consulte qualquer instituição de crédito.

pago ao valor do ouro

Juros das obrigações do tesouro

	1ºANO	2ºANO	3ºANO	4ºANO	5ºANO	6ºANO	7ºANO	8ºANO
OBRIGAÇÕES DE 1000$00	10%	10%	11%	11%	12%	13%	14%	15%
OBRIGAÇÕES-OURO DE 500$00	6%	6%	6%	6%	6%	—	—	—

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela 1.ª Secção do 1.º Juízo da Comarca de Aveiro, correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os interessados Maria da Luz André e marido, José Martins de Almeida, que tiveram a sua última residência conhecida no lugar do Solposto, freguesia de Esgueira, desta comarca, actualmente ausentes em parte incerta da Alemanha, para assistirem a todos os termos do Inventário Facultativo a que neste Juízo se procede por óbito de João Marques, viúvo, que foi residente naquele lugar de Solposto e em que exerce as funções de cabeça de casal, Manuel Marques da Cruz, viúvo, residente na Quinta do Gato, freguesia da Glória e, de que têm o prazo de dez dias, decorridos que sejam os dos éditos, para impugnar a sua própria legitimidade ou a das outras pessoas citadas e a competência do cabeça de casal, e de que ficarão na situação de revelia se não escolherem domicílio na sede do Tribunal, nem constituirem mandatário.

Aveiro, 8 de Maio de 1976.

O ESCRIVÃO,

a) *Abel Vieira Neves*

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

LITORAL - Aveiro, 21/5/76 — N.º 1110

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela 1.ª Secção do 1.º Juízo da comarca de Aveiro, correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se, da data da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os interessados incertos e desconhecidos, para no prazo de vinte dias, decorridos que sejam os dos éditos, contestarem, querendo, a acção com processo especial em que são requerentes Maria de Jesus Vieira e marido, António Simões de Pinho, residentes na Rua Cega, em São Bernardo — Aveiro e outros, e requerido, Alexandre Nunes Coelho, viúvo, que foi residente na mesma Rua Cega, em São Bernardo, onde teve a sua última residência conhecida, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, proposta nos termos e com os fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra patente nesta Secretaria Judicial, para ser entregue a quem se mostrar com interesse na causa e que, em resumo, pedem seja declarada a morte presumida do requerido, pelo menos com efeitos desde 31 de Dezembro de 1955 e a declaração de serem os requerentes os seus únicos e universais herdeiros, e, portanto, sucessores nos bens do ausente.

Mais faz saber que correm éditos de seis meses, que igualmente começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o ausente, Alexandre Nunes Coelho, viúvo, que teve a sua última residência na Rua Cega, em São Bernardo — Aveiro, actualmente em parte incerta do Brasil, para, dentro do mesmo prazo de vinte dias, decorridos que sejam os dos éditos, contestar, querendo, o pedido deduzido nos autos acima identificados e cujo duplicado da petição inicial se encontra patente nesta secretaria, para lhe ser entregue quando procurado.

Aveiro, 3 de Maio de 1976.

O ESCRIVÃO,

a) *Abel Vieira Neves*

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

LITORAL - Aveiro, 21/5/76 — N.º 1110

REFLEXOS (*Cais do Bico*)

Com DANIEL CONSTANT *no Salão Cultural*

MIGUEL CARVALHO

«Não! Isso não. Não me considero. Claro que, um simbolista, não. Não; não quero dizer isso. Isso de maneira nenhuma...

Eu não tenho pretensões nenhumas. O que eu quero é pintar, porque a coisa que mais me agrada na vida é pintar. Adoro, adoro pintar, sabe? É uma coisa que me apaixona. Não calcula as tardes e as manhãs que nestes dois últimos anos, depois duma exposição que aqui fiz, tenho passado nesta «ribeira», as minhas tristezas... é um consolo. Que coisa deliciosa! Que coisa deliciosa! Depois, gosto muito da Ria, gosto muito dos moliceiros. Para mim, são os barcos mais lindos do mundo. Duma vez cheguei a Veneza e disse: até que enfim que vou ver barcos lindos. Ora adeus! Que longe estão dos moliceiros! Que longe estão! A gôndola, além de não ter a beleza destes barcos moliceiros (não há dúvida nenhuma que de características fenícias), além disso, ainda são todas negras — ora... e o moliceiro não é!»

Os seus primeiros desenhos foram, aliás, os moliceiros. Conhece, de pequeno, todos os meandros da Ria. Não fala da sua obra sem, volta e meia, talvez involuntariamente, se lhe referir.

Daniel Constant expõe mais uma vez em Aveiro. (Até 24 próximo no Salão Cultural da Câmara). Conversámos com ele. Vimos-lhe o gesto caloroso, ouvimos as suas palavras sem ritos obrigatórios, quase eloquentes de mansidão.

Às vezes fugaz, às vezes expansivo, resistindo aqui, ali arremessando-se com autoridade, mas sempre atento: emite uma opinião, não julga; outra vez, julgando, mas a sua própria opinião. Agora, firmemente. Como quando lhe citava a frase de um croniqueiro parisiense para quem, o que choca, nos impressionistas, não é o que há de novo ou de revolucionário na sua pintura, mas, ao contrário, o que há, nela, de tradicional... — responderia Daniel Constant, daí a nada, que sim, que o tradicional comunica(!). Mais: para a grande maioria do povo... só o tradicional comunica, acrescentando: «disso pode estar certinho».

É tão difícil não reconhecer a Daniel Constant o direito à última palavra!

Voltaremos, não pode haver dúvida, a abordar D.C. Valerá a pena, por exemplo, tentar descobrir o verdadeiro sentido das suas palavras: «Com esta técnica de que me sirvo há doze anos, o abstraccionismo com aguarela, faço-o com uma facilidade extraordinária. E com resultados extraordinários. Mas devo-lhe confessar: não sinto o abstraccionismo... porque um homem que desenhe, um pintor, um desenhador, não pode sentir muito o abstraccionismo, embora o faça. Também tenho feito coisas surrealistas, bastante mesmo. Mas não exponho. Isto é o que eu sinto (o naturalismo), porque isto é um vencer de dificuldades».

Mas, por ora, que o espaço escasseia, fiquemos com a história da descoberta da maravilhosa técnica de D.C. Isto, antes de mais, porque o leitor não vai, com certeza, deixar de ir a esta Exposição e, com muita razão, exige alguns dados concretos para a apreciar devidamente — já que Constant dizia: «o que é preciso é saber ver (a cor!)».

E é o artista das flores de veludo, dos constrastes e das transparências, das silhuetas de moliceiros, das tonalidades cruéis em recantos idílicos da nossa Ria, que no-la conta:

D.C. — Uma das dificuldades da pintura é saber ver a cor. Outra é: compor a cor.

É dificílimo, dificílimo. Depois, outra coisa que a pintura naturalista tem e que ele tinha — e isso era bem vincado nele — (refere-se ao pintor Alberto Aires de Gouveia Allen, seu mestre e de quem sofreu importantes influências): a pintura naturalista não deve ser demasiadamente académica, não deve descer ao pormenor.

— *Impressionismo?*

D.C. — Não bem um impressionismo; mas quase, mas quase! O impressionismo por vezes... (o impressionismo, está bem, foi a época mais bela, para mim, que a pintura teve, em todos os tempos) mas, por vezes, o impressionismo desliga-se um pouco do próprio naturalismo: pela liberdade que tem! Mas liberdade de que eu gosto imenso. E há até, aqui, coisitas minhas que vão quase que ao impressionismo, não há dúvida nenhuma. De maneira que essa convivência com ele, fez-me também desviar, tanto quanto possível, do pormenor. Bem, isso foi uma coisa que sempre me afligiu. Eu nunca pude ver uma rua pintada com as pedras todas duma calçada, umas janelas com todos os caixilhos... essas coisas ferem-me!

— *Que características, na sua pintura, se podem considerar influenciadas pelo senhor Aires de Gouveia?*

D.C. — Bem, como lhe digo, a cor; a cor, devo-lhe muito a ele: saber ver a cor. Em técnica não, porque eu sou um pintor a aguarela (está bem: eu faço óleo, eu pinto óleo, pois evidentemente). Mas como a aguarela é uma técnica tão pessoal, tão pessoal... (que nenhuma escola de Belas-Artes no mundo tem a cadeira de aguarela, não sei se sabe isso!).

— *Não.*

D.C. — Não sabia? Pois não! Aguarela... não há escola nenhuma que tenha uma cadeira só dedicada a aguarela. Porque na aguarela... cada um tem de vencer as dificuldades por si.

— *Sobretudo, aqui, parece que houve uma tal subversão...*

D.C. — Sim!, aqui houve uma dificuldade enorme a vencer porque eu... pensei sempre nisto: a aguarela é uma água colorida. Como é que com uma água colorida se pode, num quadro, obter contrastes? Era impossível. Suavidade, só; isso sim. Agora contrastar, ir à violência da cor, à violência do tom... não era possível.

— *Então, como conseguiu?*

D.C. — Uma vez tive de ir numa missão jornalística a Berlim e, em Paris, aproveitei para deambular um pouco pelo centro. Na Rue de la Paix havia uma exposição, numa galeria, de dois japoneses. E tinham dois quadros num escaparate que dá para a rua. E eu vi aquilo e digo: ora aqui está! Eu que tenho procurado tanto esta pintura, aqui a encontro... mas como é que eles fazem isto? Uma pintura de contrastes, com pouco pormenor também — embora o japonês, mesmo como pintor seja um grande desenhador.

Entrei, e sabe que comecei a olhar aquilo, sentei-me num banco e estive ali perto de 6 horas...? e, claro, cheguei a esta conclusão: era o papel! Os cartões orientais são absorventes. Como são absorventes, a aguarela, por ténue que seja, desde que se insista numa determinada mancha, pode-se obter uma intensidade. Quando regressei da Alemanha tentei molhar os meus cartões de tal maneira que eles conseguissem ter uma absorvência quase tão grande como a daqueles que eu tinha visto. Só que naqueles a absorvência é mesmo com o cartão a seco, e aqui não, tem de ser a húmido.

Por mero acaso, vim a descobrir, mais tarde, uma maneira de os conservar mais tempo húmidos, para poder trabalhar. Mas não vai além de 5, 6 horas. Ao fim desse tempo o papel começa a ficar seco... E desde que comece a ficar seco a aguarela acabou. Portanto, uma aguarela minha nunca pode ter mais de 5/6 horas, por maior que seja.

Depois veio o desejo de dar uma intensidade maior e então, se o cartão tem a humidade durante o tempo que eu quero, parti do princípio de que o pincel escusava de ir molhado, a água estava lá. Saindo a aguarela pastosa do tubo, é essa pastosidade que eu levo no pincel e daí, em aguarela, pode fazer a flor com a mesma intensidade do óleo — então como é que com uma água tintosa, com uma água colorida, se podia dar um colorido tão intenso como a papoila tem, por exemplo? Era impossível! Era completamente impossível. Só por este processo.

18 de Maio de 1976.

ROCHA E CUNHA

Continuação da 1.ª Página

quei, afinal, falsos fundamentos de memória, o centenário nascimento do Comandante Silvério Ribeiro da Rocha e Cunha ocorreu já lá vai mês e meio e me apanhou, se não distraído da evocação, confiado num erro de um ano na fonte informativa a que andava atido.

Não estava esquecido, nem posso estar, desse insígne e prestantíssimo aveirense. Acabara, por coincidência, que me alivia o peso da consciência e me redime dos deveres rememorativos na precisa ocasião da efeméride, de me debruçar sobre um artigo relevador das relações e estreitíssima colaboração desse homem de múltiplos e salientes predicados — a que já um dia apontei como característica mais definidora, a seriedade, no mais lato senso — com outro filho de Aveiro, notável e inesquecível. Precisamente com aquele que neste século mais ampla e vigorosamente fez irradiar o nome da sua terra — o jornalista — panfletário mais veemente e mais causticante deste País, e um dos nomes mais fundamente vinculados na história da Imprensa nacional.

Rocha e Cunha nasceu em Aveiro, exactamente a 22 de Março de 1876. Aqui viria a falecer, subitamente, a 3 de Novembro de 1944. Subitamente: de uma morte fulmínea, que para o autor destas linhas, mesmo sabendo-lhe males pertinazes e de sub-reptícias insinuações derruidoras, representou rude e acutilante uma amaríssima surpresa.

Não esperava, não podia esperar-lhe a morte num dia como aquele.

Desde há alguns anos, quase sem excepção de uma tarde, eu disfrutava do privilégio de acamaradar no café, depois do almoço, com Rocha e Cunha. Considerava aquela hora, em que a glosa das notícias do dia proporcionava largas ensanchas para o enlevo e o proveito de ouvir discretear com discernimento excepcionalmente sereno e penetrante sobre variadíssimos temas — ir, voluntária e proveitosamente, à lição. Estar como discípulo que ouve e, pouco ou muito aprende, e não tem de dar contas. Estar como se aceita e procurar uma regra, a ela nos obrigando por devoção. E, todavia, sem abdicar das capacidades próprias de discorrer e preferir, nem sentir obnulilada as faculdades ou a ocasional disposição de discordar.

Nesse dia, o encontro, excepcionalmente repetiu-se no declinar sereno de uma tarde luminosa e límpida de Outono. O crepúsculo vespertino suscitou ainda, com um terceiro companheiro, que era um dos mais velhos e dedicados companheiros de Rocha e Cunha, um pausado passeio até ao Rossio e à ponte de S. João.

E nunca, creio, o aveirense eminente, prestigioso e devotado aparentemente ao seu país e à parcela que dele era a «sua pátria pequena» terá excedido a lucidez, a aberta comunicabilidade, a demonstração do seu larguíssimo cabedal de conhecimentos — adquiridos no estudo sempre meticuloso e meditado e em dotes de aguda e atenta observação, na terra mãe e nos mais diversos lugares onde a sua profissão o levou. Nunca, mais do que nesse dia de despedida do mundo, levou a maior pormenorização as evocações e evidenciou mais pronta e certa a solidíssima memória.

Nunca, mais do que nessas últimas horas da vida, manifestou tão firme e vivo o seu apego aos valores afectivos, e aos seus ideais e às suas esperanças.

Em ocasião nenhuma mais que nessas derradeiras horas, isentas de quaisquer funestos presságios, o senti voltado para a vida, para o que podia e devia ser o amanhã — de Aveiro, de Portugal, e do Mundo, a debater-se ainda na guerra mais mortífera, mas da qual se vislumbrava já o termo. Um fim, que, ilusoriamente, se cria redentor, e de cuja sequência ele já não sentiria as desilusões.

Já noutros ensejos tenho focado, ainda que apenas no fugaz apontamento, a personalidade deste homem impoluto, que atravessou a vida pública, até sobraçar uma pasta ministerial — o que então não declinara ainda à quase banalidade de hoje — sem contaminações de qualquer ordem. Desse homem que, como disse, um termo acima de todos definia — a seriedade. A intelectual, a moral, a da conduta profissional, da vida privada, e da acção política. E não só a seriedade, mas o equilíbrio, o escorreito espírito de julgar, e compreensiva, larga tolerância equânime, que em nada lhe tolhia a firmeza de decisão ponderada.

Poderia apontar factos, ilustrar as asserções com episódios ou atitudes comprovativos. Desde, por exemplo, a sua iniciativa da promoção do pouco antes Presidente da República Canto e Castro, consabidamente monárquico, a almirante, pelos altos serviços prestados à Pátria e a essa mesma República, porventura tendo-a salvado quando com perfeita probidade exerceu a mais alta magistratura do País.

Poderia recordá-lo como primeiro responsável do Estado Maior das forças republicanas que suportaram e rechaçaram aqui no alfoz de Aveiro as da efémera Monarquia do Norte e ao mesmo tempo a sua estima pela grande figura moral e intelectual de Luís de Magalhães, o filho de José Estêvão, que foi ministro naquela tentativa de derrube da República e para o qual subscreveu, entre os primeiros e de maior evidência, o pedido aveirense de amnistia.

Viria a propósito referir algum dos factos que ficaram inéditos de umas «memórias» que nunca quis escrever e que apenas quem o ouviu narrar episódios, apreciar figuras, comentar acontecimentos, pode avaliar o interesse e a riqueza que desbordariam.

Mas, num jornal de Aveiro, mais que ao vulto de âmbito nacional, importa lembrar, nesta ocasião, o aveirense que a sua terra ilustrou e dela bem merece.

E nesse aspecto, porque a serviu com ardor e persistência, com clarividência e zelo, ocupa um dos lugares cimeiros entre os que exerceram mais propícia actividade.

A ele se ficaram devendo, de par com Alberto Souto, as tarefas decisivas para a criação estimuladora do ressurgimento da vida aveirense, afectada e amortecida por tantas vicissitudes e estéreis cruzares-de-braços desalentados ou inconscencializados, da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro. E, depois, numa comunhão cabal de ideias e de esforços, em dois modos temperamentais de evidentes diferenças efectuando uma complementarização de manifesta proficuidade, dando estrutura sólida, e avigorando esse organismo regenerador da economia aveirense, ao lado de Homem Cristo, com quem colaborou intimamente e conviveu estreita e amistosamente, anos e anos.

Ninguém, aliás, conhecia com mais pormenor e segurança a história económica de Aveiro, e a soube identificar com a do porto, como esse estudioso propugnador da prosperidade desta cidadezinha — que precisa de no seu inconformismo caracterizador deverá ter ateada a chama que a acalente na luta incessante para alcançar o aproveitamento de potencialidades, se não desprezadas, pelo menos insuficientemente aproveitadas.

Recordo mais uma vez, a pecar por excessiva fugacidade, essa distinta personalidade, culta, de convívio cativante, de altos méritos, de exemplar comportamento cívico e humano.

E, melhor o fazendo revivescer, de um acervo, a que um dia, acaso, darei melhor aproveitamento, trago à letra de forma uma das mais breves cartas, que tenho presentes, entre as que escreveu a Homem Cristo. Transfiro para ele próprio a sua recordação. Ficará mais fiel e mais relevante.

E. C.

«Lisboa 24-11.º-936

Meu Ex.mo Amigo

Agradeço a V. Ex.ª o terceiro volume das Notas da minha vida e do meu tempo. Os termos da oferta sensibilizam-me, e agradeço-lhos de todo o meu coração. Eu admiro-o cada vez mais. Que grande exemplo de civismo V. Ex.ª está dando a todos, sem excepção!

Li o volume em duas noites. Li e meditei. Todos o devem fazer.

Estou convencido de que se aproximam dias de grandes sacrifícios, para os quais é preciso temperar as almas. No meio da pavorosa anarquia mental e moral em que se debate a sociedade portuguesa, só a sua inteligência vê os acontecimentos com serenidade e clareza.

É formidável o drama que se representa no mundo!

Tenciono ir ahi no dia 30 deste mês ou no dia 1 de Dezembro, e como de costume a minha primeira visita será para V. Ex.ª

Creia-me sempre V. Ex.ª, amigo dedicado e muito obrigado, que muito o venera

S. Rocha e Cunha»

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sábado	SAÚDE
Domingo . . .	OUDINOT
Segunda . . .	NETO
Terça	MOURA
Quarta	CENTRAL
Quinta	MODERNA
Sexta	ALA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

CURSO DE ALFABETIZAÇÃO

Promovido pela Comissão de Moradores de Mataduços está a decorrer, desde há meio ano, naquela localidade, um curso de alfabetização, ministrado por professores do ensino primário e por estagiários.

Frequentado por pessoas de idades compreendidas entre os 30 e os 40 anos, uma dezena conseguiu já, com aproveitamento, o respectivo diploma da 4.ª classe, sendo as restantes submetidos a exame no final do corrente mês.

PARQUE DE CAMPISMO DA TORREIRA

Situado em local aprazível, abre ao público, no dia 1 de Junho próximo, o Parque de Campismo da Torreira, que normalmente regista grande frequência. O parque funcionará até ao dia 30 de Setembro.

ESPECTÁCULO PARA JOVENS

A Delegação de Aveiro do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, na sequência de outras realizações no nosso distrito, promove hoje, no Teatro Aveirense, com início às 21.30 horas, um espectáculo em que será apresentada a peça «Mandrágora», de Maquiavel.

QUATRO CASAS DESTRUÍDAS NUM INCÊNDIO

Cerca das 3 horas da manhã do último domingo, deflagrou um violento incêndio na Costa Nova do Prado, do qual resultaria a destruição total de três casas e graves danos materiais numa outra — prédios estes que se encontravam desabitados, aguardando a época balnear para serem arrendados.

Acorreram ao sinistro diversos habitantes daquela praia e elementos das corporações de bombeiros de Aveiro, Ílhavo e Vagos — que, no entanto, somente puderam evitar que as chamas se propagassem às casas contíguas: trata-se de construções de tipo antigo, de madeira, assim propícias ao alastramento do fogo.

Os prejuízos totais deste incêndio ascendem a mais de três mil contos, já que os recheios das habitações foram igualmente devorados pelas chamas.

No ataque ao incêndio, sofreram alguns ferimentos os bombeiros ilhavenses Manuel Júlio Rigueira, Jacinto Manuel Grilo e Francisco Martins Catarino.

NOVA RUA EM MATADUÇOS

Em reunião ordinária do Município aveirense, foi deliberado abrir concurso para a abertura de uma nova artéria entre a Rua das Flores e a Travessa do Catarino, em Mataduços.

NOVAS TAXAS DE TELEVISÃO

O aumento da taxa anual de Televisão foi autorizado por um Decreto-Lei publicado no «Diário da República», na penúltima quinta-feira, 13, o qual entrou imediatamente em vigor.

A taxa agora fixada será, no território do Continente, de 480$00 por aparelho cujo preço não exceda 10 contos, e de 540$00, quando o receptor custar mais do que aquele preço.

No território das Ilhas, a taxa é mantida em 360$00 por ano.

Em qualquer dos casos, é facultado o pagamento em doze mensalidades, que poderão ser incluídas no recibo da electricidade; mas quem preferir pode liquidar a taxa de uma só vez.

NOVOS CORPOS GERENTES DA COOPERATIVA DE VAGOS

Após a reunião realizada no Salão Paroquial de Santo António, em Vagos, onde estiveram presentes 300 associados dos 2 400 que o organismo possui, foi finalmente eleito o corpo directivo da Cooperativa Agrícola e Leiteira de Vagos, o qual ficou constituído pelos seguintes elementos: *Assembleia Geral* — Padre Manuel Rocha Creoulo, João Santos Agostinho e Claudino Calisto. *Direcção* — José da Rocha Cedro Júnior, João Alberto Pandeirada e António Nunes dos Santos. *Conselho Fiscal* — Albino Fernades de Oliveira Pinto, Vasco Alexandrino Rodrigues e Francisco Teixeira.

ESPECIALISTAS DE POLUIÇÃO EM VISITA À RIA

Estiveram em Aveiro, no passado fim-de-semana, 17 participantes no Seminário sobre poluição costeira, que está a decorrer em Lisboa por iniciativa da Secretaria de Estado das Pescas e da Embaixada de França.

Os visitantes, de nacionalidade portuguesa e francesa, são especialistas em problemas de poluição e seus efeitos sobre as comunidades biológicas marítimas e lagunares. O objectivo da sua visita a Aveiro foi tomar contacto com problemas reais de poluição no nosso país, por forma a ficarem habilitados a discutir, no âmbito do referido seminário, uma estratégia de ataque a ser futuramente implantada em termos práticos.

A visita, que foi organizada pela Universidade de Aveiro e teve a participação de três dos seus docentes, incluiu uma viagem em barco mercantel através da zona do rio Vouga poluída pela Fábrica de Celulose de Cacia e da zona dos canais onde a poluição urbana é mais intensa. Foram, ainda, observados casos concretos de infestação da Ria por algas superiores e outras fontes de poluição, nomeadamente por de indústrias alimentares e químicas.

Foi também feita uma visita à Lota, para observar, nomeadamente, as variedades de peixe que conseguem sobreviver nas condições existentes na Ria.

No final da visita, foram mostradas aos visitantes as instalações provisórias da Universidade de Aveiro e foi-lhes transmitido o plano genérico de trabalho que a Universidade se propôs realizar no domínio dos estudos do ambiente. Foi reconhecido que um ritmo significativo neste projecto requer um apreciável acréscimo, em meios humanos, técnicos e financeiros, do potencial existente.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE ENCARREGADOS DE CONSTRUÇÃO

Promovido pela Direcção do Serviço de Formação Profissional, realizou-se, durante cerca de dois meses e meio, no Sindicato da Construção Civil de Aveiro, um curso-piloto de aperfeiçoamento de encarregados de construção.

DA PESCA DO BACALHAU

Após cinco meses de campanha nos longínquos mares da Terra Nova, entrou na barra de Aveiro, indo atracar ao cais da Gafanha da Nazaré, o arrastão «João Ferreira», da Indústria Aveirense de Pesca, com um carregamento de 7 500 quintais de bacalhau.

MOVIMENTO HOSPITALAR

Durante o mês de Abril findo, o Hospital Distrital de Aveiro registou o seguinte movimento:

Internamentos — doentes existentes em 31/3/76, 178; entrados durante o mês de Abril, 462; saídos, 479; existentes em 30/4/76, 161.

Serviço de Urgência — consultas no Banco, 1 565; tratamentos, 1 009; injecções, 345.

Banco de Sangue — transfusões de sangue, 62; transfusões de plasmas, 10.

Intervenções Cirúrgicas de grande cirurgia, 116; de pequena cirurgia, 49.

Raios X — radiografias efectuadas, 621; sessões de Fisioterapia, 564.

Análises Clínicas — diversas análises, 2 739.

Consulta Externa — consultas, 1 006; tratamentos, 388; injecções, 86.

Obstectrícia — partos, 100.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 21 — às 21.15 h.

WANG YU, O INVENCÍVEL — com Wang Yu, Helen Ma e Chang Chang — interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 22 - às 15.30 e 21.15 horas, Domingo, 23 — às 15.30 e 21.15 horas e Segunda-feira, 24 — às 21.15 h.

JÚLIA E OS HOMENS — com Silvia Kristel e Terry Tosday — interdito a menores de 18 anos.

NASCIMENTOS

● Na manhã do dia 6 do corrente, nasceu, no Hospital Distrital de Aveiro, o primeiro filhinho do casal de Maria Adelaide Fonseca Ferreira Cristo e Camilo Augusto Rebocho de Albuquerque Cristo.

● Também naquele mesmo dia, ao princípio da tarde, nasceu, no Hospital Distrital da Figueira da Foz, na Gala, o quarto filhinho ao casal de Maria Madalena Rebocho Cristo Bagão e João Carlos Cordes Bagão.

Aos meninos será dado, respectivamente, o nome de Camilo Augusto e João António.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

SEGUNDO CARTÓRIO

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que, por escritura de 7 de Maio de 1976, inserta de fls. 43 a 44 do livro para Escrituras Diversas n.º A457, deste Cartório, — Manuel de Oliveira Paula Dias, casado sob o regime da comunhão geral de bens com Maria da Conceição Freitas Dias, residente na Rua Comandante Rocha e Cunha, 68, desta cidade;

— José António de Oliveira Paula Dias, casado sob o referido regime com Sílvia Damas da Silva, residente na dita Rua, mas no n.º 98; e Maria Violentina de Oliveira Dias Campos de Azevedo, casada sob o mesmo regime da comunhão geral de bens com Luís Campos de Azevedo, residente na Avenida dos Bombeiros Voluntários, em Algés, todos naturais da freguesia da Vera-Cruz, desta cidade de Aveiro, — foram habilitados como únicos e universais herdeiros de seu pai legítimo José André Paula Dias, natural da freguesia da Glória, desta cidade e falecido sem qualquer disposição de última vontade em 1 de Setembro de 1975, na sua residência habitual, na Rua Comandante Rocha e Cunha, dita freguesia da Vera-Cruz, no estado de casado em únicas núpcias de ambos, e sob o regime da comunhão geral de bens com Emília de Oliveira, que também usa o nome de Emília de Oliveira Dias.

Está conforme ao original.

Aveiro, 15 de Maio de 1976

O AJUDANTE,

a) — Luís dos Santos Ratola

LITORAL - Aveiro, 21/5/76 — N.º 1110

NÃO ACONTECEU...

Continuação da 1.ª página

cessidade imperiosa, é atitude construtiva, é, afinal, democracia pura. Pelo contrário, reagir brutalmente a esta «reacção» com G-3 roubadas, com chaimites em arrogante desafio, com grades das celas de Caxias ou de Custóias, com intentonas ou com «inventonas» pseudo-revolucionárias ou com macabras ameaças pidescas, constitui afronta grave, atitude ditatorial e prepotente, abuso do poder e desrespeito por banais e apregoadas regras do jogo democrático. Reagir ao que está errado é próprio dos fortes, dos que desejam colaborar, dos que não aceitam a canga do covarde, do inútil e do incapaz. O lesma, o comodista, o bem instalado e o despersonalizado nunca reagem. Como tal, não podem ser «reaccionários!». Nesta linha de pensamento, é lícito e lógico poder-se admitir de boa fé e com verdade, que a «reacção» representa a maioria, afinal a grande maioria das pessoas de bem (sim, de bem) que querem viver em paz e em sossego, desejando a paz e o sossego para toda a gente. Mesmo assim, é triste verificar-se que «reaccionário» continua a ser palavrão barato, saloio, oco, mal intencionado, calunioso, irresponsável e caricato, que se vai ouvindo enquanto nos engraxam os sapatos ou nos cortam o cabelo, quando se compram nabos e grelos na tenda da hortaliça, na bicha para o futebol e mesmo até à saída das missas dominicais. Qualquer ambiente serve para se atirar a pedra, que às vezes até faz riconhete acertando em cheio naquele que a atira. Claro que nem valerá a pena falar das milhentas vezes em que o palavrão mordaz é utilizado na verborreia charlatanesca dos eufóricos animadores que animam certos comícios políticos e muito menos no contundente e agressivo fraseado de centenas de comunicados partidários que a Imprensa (partidária!), a Rádio (tendenciosa!) e a Televisão (suspeita!) nos fazem entrar pela porta dentro, numa orquestração afinadíssima que nos desafina os nervos. Como se tudo isto não bastasse e sobejasse, até alguns responsáveis pela governança nacional não poupam o «pagode» ao inofensivo e piadético insulto. Estou-me a recordar de um general (agora parece-me ter regressado a major...) que, mal desceu de um avião que o trouxe de Cuba, declarou ter de meter na arena do Campo Pequeno, e a curto prazo, a reacção. É natural que, de determinado sector, tenha recebido palmas..., mensagens de felicitações..., abraços e palmadinhas nas costas..., promessas de apoio incondicional..., vénias..., continências... e a reserva de lugares ambicionados... É natural, até porque os prudentes e os sensatos nem sempre são alvo de honrarias, de salamaleques — e raras vezes trepam os degraus da vida! Esqueceu-se, no entanto, o ex-general, que a «reacção» (mais numerosa do que ele imaginava...) não caberia dentro da arena. E esqueceu-se também de que a leviana atitude, a concretizar-se, teria inúmeros pontos de contacto e flagrantes semelhanças com a arena da Praça de Toiros de Badajaz, durante a guerra civil de Espanha, onde os democratas (autênticos e valentes democratas, mesmo não sendo generais e não tendo ido a Cuba...) foram miserável e criminosamente encurralados e metralhados por tropas marroquinas escolhidas por Franco! Significativo que os executores desse horrendo e repugnante crime não eram espanhóis, mas sim estrangeiros. Agora foi — por cá — um estrangeiro (ou se quiserem um cidadão com dupla nacionalidade) que ameaçou executar na arena da Praça de Toiros do Campo Pequeno os «reacionários» portugueses. Perante a ameaça, muito se especulou, muito se disse, muito se escreveu, muito barulho se fez ouvir. Claro que tal não passou de uma frase impensada, de um rompante leviano e de um desabafo eufórico de alguém acabado de regressar de terras distantes onde o «clima» não é igual àquele que por cá vamos tendo... Foi uma mera «tempestade num copo de água». E ainda bem, pois ao senhor ex-general podia-lhe dar para pior... Se podia!

Na parte que me toca, justiça lhe faço: nunca o achei capaz de transformar o Campo Pequeno na Praça de Badajoz... Por isso a ameaça divertiu-me. Fez-me cócegas até!

ARAÚJO E SÁ

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

SEGUNDO CARTÓRIO

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que, por escritura de 13 de Maio de 1976, inserta de fls. 1 a 2 do livro para Escrituras Diversas D N.º 9, deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre António Vieira Rocha e Cristiano Morgado da Costa, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «ANTÓNIO ROCHA E CRISTIANO MORGADO, LIMITADA», fica com a sua sede e estabelecimento no Barreiro, limite do Solposto, freguesia de Esgueira, deste concelho de Aveiro e durará por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir de hoje.

2.º — O objecto social é a reparação de viaturas automóveis e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que resolvam explorar.

3.º — O capital social é do montante de duzentos mil escudos, dividido em duas quotas de 100 mil escudos cada uma, pertencentes uma a cada um, deles, sócios e acha-se integralmente realizado a dinheiro.

4.º — A administração da sociedade fica afecta a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução e será remunerada ou não, conforme vier a ser deliberado em assembleia.

Qualquer dos gerentes pode, por meio de procuração, delegar noutro sócio, ou mesmo em pessoa estranha à sociedade, todos ou parte dos seus poderes; porém, quando a favor de estranhos, carece de consentimento da sociedade.

Para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas de dois gerentes ou seus representantes.

5.º — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios. A favor de estranhos carece do consentimento da sociedade.

6.º — Quando a Lei não exigir outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias.

7.º — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios, mas os herdeiros do falecido terão de designar um entre eles para os representar a todos nela, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

8.º — Dissolvendo-se a sociedade, a assembleia geral nomeará os liquidatários e fixará a forma da liquidação.

Está conforme ao original.

Aveiro, 15 de Maio de 1976.

O AJUDANTE,
a) — Luís dos Santos Ratola

LITORAL - Aveiro, 21/5/76 — N.º 1110

Declaração

MARIA AMÉLIA TAVARES JORGE, casada, doméstica, moradora em S. Bernardo, na Viela da Arrota, separada, de facto, de seu marido, MANUEL RODRIGUES BREDA, por este ter abandonado o lar conjugal, vem, por este meio, declarar que se não responsabiliza por qualquer dívida que este possa vir a contrair em nome do casal.

S. Bernardo, Aveiro, 14 de Maio de 1976.

a) *Maria Amélia Tavares Jorge*

LITORAL - Aveiro, 21/5/76 — N.º 1110

Continuações da última página

NATAÇÃO

6.ª — Maria João Tinoco (Sel. Aveiro), 1.41.3. 7.ª — Helena Maia (Cdup), 1.43.9.

100 metros-bruços — masculinos

1.º — José Monteiro de Jesus (Porto, 1.17.8. 2.º — Rui Prata (Académico), 1.18. 3.º — Vitor Vaquer de Pinho (Leixões), 1.18.6. 4.º — Jorge Torres (Académica), 1.22.3. 5.º — José António Vitor (União), 1.25.2. 6.º — Rui Leal (Cdup), 1.26.4. 7.º — Fernando Elísio (Sel. Aveiro), 1.26.5. 8.º — Luís Castro (Fluvial), 1.27.4.

100 metros-mariposa — femininos

1.ª — Helena Fernandes (Porto), 1.49.9. 2.ª — Eugénia Cunha (Académico), 1.17. 3.ª — Antonieta Caleiro (Fluvial), 1.23.3. 4.ª — Maria Luiza Silva (Leixões), 1.27.4. 5.ª — Maria Emília Peres (Sel. Aveiro), 1.35.7. 6.ª — Marina Magalhães (Cdup), 2.09.1.

100 metros-mariposa — masculinos

1.º — Vítor Oliveira (Fluvial), 1.04.5. 2.º — Rolando Freitas (Porto), 1.09.5. 3.º — Jorge Santiago (Académica), 1.10. 4.º — Pierre-Jean Renault (Académico), 1.11.4. 5.º — António Pinho (Cdup), 1.11.5. 6.º — Vitor Vaquer de Pinho (Leixões), 1.18. 7.º — José Alemão (União), 1.21.6. 8.º — João Santos (Ginásio), 1.24.3.

100 metros-costas — femininos

1.ª — Margarida Mendes Silva (Académico), 1.17. 2.ª — Teresa Filgueiras (Porto), 1.19.1. 3.ª — Maria José Tavares (Académica), 1.39.1. 4.ª — Maria José Monteiro (Leixões), 1.39.4. 5.ª — Paula Pinto Basto (Fluvial), 1.39.8. 6.ª — Isabel Santos (Ginásio), 1.42.

100 metros-costas — masculinos

1.º — António Botelho de Melo (Académico), 1.05.7. 2.º — João Queirós (Académica), 1.11.9. 3.º — Pedro Matias (União), 1.13.2. 4.º — Horácio Oliveira (Fluvial), 1.13.9. 5.º — António Fangeiro (Fluvial), 1.15. 6.º — João Barreto (Ginásio), 1.19.3. 7.º — Bério Marques (Sel. Aveiro), 1.28.4. 8.º — Mário Valério (Cdup), 1.30.4. 9.º — Paulo Renato Silva (Leixões), 1.32.1.

100 metros-livres — femininos

1.ª — Palmira Andrade (Porto), 1.06.6. 2.ª — Teresa Faria (Académico), 1.09.2. 3.ª — Isabel Martins (Fluvial), 1.13.7. 4.ª — Manuela Antunes (Académica), 1.19.4. 5.ª — Teresa Ribeiro (União), 1.19.9. 6.ª — Maria Fátima Marques (Leixões), 1.22.3. 7.ª — Maria Emília Peres (Sel. Aveiro), 1.23. 8.ª — Ana Maria Silva (Cdup), 1.29.1.

100 metros-livres — masculinos

1.º — Rui Abreu (Académico), 56.8. 2.º — Eduardo Torres Pinto (Porto), 56.8. 3.º — Jorge Miguéis (Académica), 1.00.8. 4.º — Paulo Ramos (Fluvial), 1.03. 5.º — José Ramalheira (Sel. Aveiro), 1.07. 6.º — José Américo Frada (Cdup), 1.09.3. 7.º — José Alemão (Cdup), 1.09.6. 8.º — Mário Jorge Maia (Leixões), 1.11.6. 9.º — João Santos (Ginásio), 1.17.9.

Xadrez de Notícias

Na continuação do Campeonato do Norte de «Velhas Guardas», em futebol, no passado fim-de-semana disputaram-se(com os resultados que indicamos) os seguintes desafios:

Série A — Leixões, 5 — S. Pedro da Cova, 2. Infesta, 1 — Leça, 1. Porto, 6 — LUSITANIA, 0. Rio Ave, 2 — Ermesinde, 1.

Série B — Progresso, 2 — Valadares, 0. Sandinense, 3 — Coimbrões, 0. Paredes, 1 — OVARENSE, 2. ESPINHO, 3 — BEIRA-MAR, 1.

Entre os desafios marcados para a tarde de amanhã, sábado, temos: LUSITANIA — Rio Ave, OVARENSE — — ESPINHO e BEIRA-MAR — Coimbrões.

No Campo da Alameda, em Esgueira, teve início já no passado sábado, o anunciado Torneio de Futebol de Salão promovido pelo Clube do Povo de Esgueira.

Na fase inicial — que tem vindo a disputar-se, em muito interesse, todas as noites (com folga ao domingo) — encontram-se em acção trinta e três equipas, distribuídas por quatro séries.

Amanhã e domingo, em organização da Federação Portuguesa de Badminton, de colaboração com a Comissão Delegada da Zona Norte, disputa-se em Espinho o Torneio Nacional de Equipas (2.ªs categorias), esperando-se a presença de atletas das seguintes colectividades: A.B.C. de Braga, C.D.U.P, C.D.U.L. Colégio Teresiano (Braga), Escola Secundária Polivalente de Braga, Escola Técnica Carlos Amarante (Braga), Escola Industrial e Comercial de Famalicão, Famalicence, Galitos, Núcleo do Liceu Pedro Nunes (Lisboa) e T. A. P.

Em desafio-treino jogado no Estádio do Mar, em Matosinhos, no último sábado — para manter rodados os respectivos futebolistas —, o Leixões ganhou (5-1) ao Beira-Mar, com golos de autoria de Esteves (4) e Frasco, pelos leixonenses, e Zèzinho, pelos aveirenses.

Como já tivemos ensejo de noticiar, realiza-se no domingo, com início às 14 horas, na Pista do Bairro Vieira, o III Grande Prémio de Azurva, em «moto-cross», competição que terá a presença dos melhores especialistas nacionais deste desporto motorizado.

ANDEBOL DE SETE

(10), António Carlos (4), Ulisses (7), Breda, David (2), Ramalho e Ratola (1).

BRAGA — Luís Braga, Araújo (4), Ribeiro, Xavier (7), Lima (3), Correia (1), Duarte (2), Ferreira, Antunes e Almeida (1).

Partida com início equilibrado, e que, depois, veio a ser de nítido ascendente do S. Bernardo, um vencedor incontestável, que atingiu o intervalo já com avanço folgado: 16-7.

Houve algumas boas fases de andebol — em especial enquanto a réplica dos bracarenses manteve o jogo em animado despique, ao jeito de parada e resposta; e, se mais não fora, tinha valida a pena ver o jogo só para assistir ao lance de que resultou o nono golo do S. Bernardo, então a pôr a marca em 9-5, em jogada soberba entre Ulisses e Helder, que este concretizou espectacularmente.

Trabalho imparcial e criterioso dos árbitros à força...

GALITOS

Campeão Nortenho da III Divisão

nhando vantagem no marcador — através do seu «velho» mas sempre jovem jogdor Vítor, em pleno na meia-distância. E o avanço manteve-se até final do primeiro tempo, embora, no seu declinar, o Galitos se tenha confundido um pouco, quando o C.P.M. operou mudança no sistema defensivo, passando a defender à zona 1-2-2.

Na segunda parte, com as equipas a utilizarem os mesmos processos defensivos com que acabaram o meio-tempo inicial, assistiu-se a um jogo emocionante, com reacção notável do C.P.M. — que viria, depois de igualar aos 51 pontos, a passar a vencer pela primeira vez, aos 53-51.

Logo de seguida, também o Galitos teve um forcing assinalável, recuperando o comando do marcador, ante o inconformismo dos matosinhenses. A dado ponto, até, a dupla de arbitragem viu-se na necessidade de interromper o desafio, por cerca de um quarto-de-hora, para se obter reforço policial no recinto — pois a falange de adeptos do C.P.M. mostrava-se bastante «irritada» com determinadas decisões dos juízes lisboetas...

Reatada a partida, e apenas com cinco minutos para jogar, notou-se boa melhoria do Galitos, que, com os jogadores calmos alardeando serenidade que, antes, não se vira...), logrou, nessa fase decisiva, aumentar ligeiramente a vantagem pontual de que dispunha. Nos dois últimos minutos, porém, os aveirenses cometeram alguns erros e consentiram em perigosa aproximação dos seus antagonistas; de facto, perante a defesa premente e desesperada do C.P.M., o Galitos, em vez de controlar o jogo, como se impunha, mantendo a bola em seu poder no máximo de tempo possível, preferiu cair numa toada de passes compridos, que, quando não faziam sair o esférico fora do recinto de jogo, eram interceptados pelos matosinhenses...

O suspense manteve-se, portanto, até final do desafio — desvanecendo-se as tentativas do C.P.M. nos derradeiros segundos, quando sofreram uma «cesta» marcada por aquele que, para nós, é uma glória da modalidade no Clube dos Galitos, sendo exemplo a apontar para os mais novos. Referimo-nos a Adriano Robalo, que, embora denotando compreensível falta de ritmo, conseguiu, com a sua experiência, congregar os esforços dos colegas no sentido do triunfo final, surgindo como que a pôr água na fervura no momento próprio, dado que havia jogadores algo nervosos na parte final do jogo.

Elementos em destaque. Vítor, Esgueirão e Robalo, no Galitos; e Martins e Lopes, no C. P. M.

A dupla de árbitros, embora com um ou outro erro, produziu trabalho para merecer nota positiva.

CARLOS BIO

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 39 DO «TOTOBOLA»

30 de Maio de 1976

1	Boavista — Sporting	1
2	Leixões — Cuf	1
3	Beira-Mar — Braga	1
4	Atlético — Farense	1
5	Estoril — Belenenses	2
6	Guimarães — Académico	1
7	Setúbal — Tomar	1
8	Benfica — Porto	1
9	Feirense — Varzim	X
10	Riopele — Chaves	1
11	Sanjoanense — Lourosa	1
12	U. Leiria — Caldas	1
13	Esp. Lagos — Portimonense	X

BEIRA-MAR e S. BERNARDO ainda na Taça

12 — BEIRA-MAR, 15. Cdup, Braga, 15 — Gaia, 20. Leça, 17 — Vitória do Porto, 18. Porto, 32 — Espinho, 9.

Deste modo, as duas turmas aveirenses passaram à fase seguinte, onde o sorteio marcou os jogos adiante indicados:

Académico — Vitória do Porto, Desportivo de Portugal — — BEIRA-MAR, Gaia — Lapa, Académica de S. Mamede — Vilanovense, Maia — Senhora da Hora, Porto — Educação Física, Facar — S. BERNARDO, Viana Taurino — Águas Santas (Sport).

Disto e daquilo... ao acaso

las que usufruiam no Boavista.

O clube do Bessa, que através de um dos seus mais destacados dirigentes, não deixou de criticar, «sem papas na língua», a forma deselegante como alguns dirigentes do F. C. do Porto conseguiram o concurso dos dois referidos jogadores «boavisteiros», oferecia a Taí e a Celso contratos válidos por duas épocas em que cada um deles recebia 40 e 50 contos por mês, respectivamente na 1.ª e 2.ª épocas;

3 — Como se sabe, o F. C. do Porto que, desde há 17 anos, vem lutando desesperadamente (íamos a escrever obcecadamente) pela conquista do título de Campeão Nacional da 1.ª Divisão, para além de Taí e Celso já havia, entretanto, assegurado o concurso do ainda treinador do Boavista e da selecção nacional, José Maria Pedroto (fala-se que este vai receber mais de 200 contos por mês), de Damas, guarda-redes internacional do Sporting Clube de Portugal e do defesa internacional do Belenenses, Freitas. É voz corrente que os «jovens» Damas e Freitsa vão receber à volta de 75-80 contos por mês;

4 — O que, no fim disto tudo, mais espanto nos causa é que o dirigente dum dos clubes referidos neste apontamento, clubes que são grandes (se não dos principais) responsáveis pelos aspectos negativos que atingem o profissionalismo futebolístico num País como o nosso («em transição para o Socialismo»), País «que está a ficar de tanga», que tem mais de 500000 desempregados e em que muitos dos empregados não ganham mais de 4 000$00 mensais (outros, infelizmente, nem essa migalha recebem) venha afirmar, como afirmou, que, «mais dia menos dia, as entidades que superintendes, de direito, no futebol, terão, de facto, de legislar no sentido de travar os excessos que as leis vibentes facultam a jogadores, treinadores e directores».

«Que lata!»

LÚCIO LEMOS

CICLISMO

● Na prova para ciclistas amadores (juniores e seniores-especiais) denominada **II Taça Comissão Regional de Juízes e Cronometristas de Aveiro**, a Associação de Ciclismo de Aveiro homologou já os resultados finais, que foram os seguintes:

1.º — Guilherme Rocha (Porto), 2-51-22. 2.º — Manuel Silva (Porto) 3.º — Manuel Costa (Porto). 4.º — Flávio Henriques (Safina). 5.º — António Fernandes (Sangalhos). 6.º — Venceslau Fernandes (Sangalhos). 7.º — Alberto Machado (Porto). 8.º — Rui Azevedo (Sangalhos). 9.º — Joaquim Andrade (Safina). 10.º — Luís Gregório (Sangalhos). 11.º — Manuel Durão (Sangalhos). 12.º — Belmiro Silva (Porto). 13.º — Herculano Oliveira (União de Coimbra) — todos com o mesmo tempo do vencedor. 14.º — Joaquim Sousa Santos (União de Coimbra), 2-52-38. 15.º — Herculano Silva (União de Coimbra), m.t. 16.º — Joaquim Lima (União de Coimbra), 3-05-16. 17.º — Carlos Pombo (União de Coimbra), 3-15-50.

Por equipas — 1.º — Porto, 6 pontos. 2.º — Sangalhos, 19 pontos. 3.º — União de Coimbra, 42 pontos.

● Nas classificações de regularidade, das provas do passado fim-de-semana, as tabelas encontram-se assim ordenadas:

Troféu «Antracol» — 1.º — José Bispo (Sangalhos), 63 pontos. 2.º — Antero Soares (Sangalhos), 55. 3.º — Páris Silva (Sangalhos), 48. 4.º — Mário Cabral (Sangalhos), 40. Joaquim Martins (União de Coimbra, 22.

Troféus «Argibetão» — 1.º — Joaquim Sousa Santos (União de Coimbra), 39 pontos. 2.º — Venceslau Fernandes (Sangalhos), 37. 3.º — Rui Azevedo (Sangalhos), 32. 4.º — António Fernandes (Sangalhos), 29. 5.º — José Sousa Santos (União de Coimbra), 22.

● Amanhã, sábado, com início às 16 horas, vai disputar-se a «Taça Associação de Ciclismo de Aveiro», num precurso que ronda os 100 kms., pelo seguinte itinerário: Sangalhos, Fogueira, Ancas, Mamarrosa, Aveiro (desvio), Angeja, Estarreja, Pinheiro da Bemposta, Albergaria-a-Nova, Albergaria-a-Velha, Águeda, Aguada de Beixo, Oliveira do Bairro e Sangalhos.

A prova contará para o «Troféu Argibetão», sendo as inscrições abertas às categorias de Juniores e Seniores-Especiais.

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — Zona Norte

Resultados da 9.ª jornada (em atraso)

Ginásio — SANGALHOS . . 68-91
Vasco da ama — Académico 60-51
Académico — Porto 63-110
Sport — Cdup 48-59

Classificação final

	J	V	D	Bolas	P
SANGALHOS	14	13	1	1217-814	27
Porto	14	12	2	1079-814	26
Cdup	14	8	6	903-914	22
Ginásio	14	6	8	916-1049	20
Vasco da Gama	14	6	8	906-933	20
Académica	14	5	9	848-951	19
Académico	14	4	10	886-1015	18
Sport	14	2	12	683-944	16

As turmas do SANGALHOS e do F. C. do Porto ficaram apuradas para a fase final, juntamente com o Sporting e o Barreirense, que se qualificaram na Zoná Sul.

Baixam de escalão o Sport Conimbricense e o Académico do Porto.

II DIVISÃO — FEMININA

Resultados da 16.ª jornada

Guifões — Desp. Covilhã . 36-30
ILLIABUM — Gaia 43-38
Olivais — SANGALHOS . . 8-53
P. Natação — GALITOS . . 41-39

Jogo em atraso

Gaia — Desp. Covilhã . . . 54-23

Classificação final

	J	V	D	Bolas	P
Gaia	16	14	2	737-479	30
SANGALHOS	16	12	4	628-532	28
GALITOS	16	10	6	628-531	26
ILLIABUM	16	9	7	669-559	25
ESGUEIRA	16	9	7	675-611	25
P. Natação	16	9	7	663-658	25
Desp. Covilhã	16	4	12	536-666	20
Guifões	16	4	12	532-650	20
Olivais	16	0	16	249-841	16

CAMPEONATOS NACIONAIS

II DIVISÃO — Zona Norte

FASE FINAL — 8.ª jornada

Vilanovense — Desp. Póvoa . 28-13
Desp. Portugal — Maia . . 13-17
S. BERNARDO — Braga . . 32-18

Classificação

	J	V	E	D	Bolas	P
S. BERNARDO	8	6	0	2	168-133	20
Maia	8	6	0	2	149-118	20
Vilanovense	8	5	1	2	150-126	19
Braga	8	3	0	5	160-187	14
Desp. Póvoa	8	2	1	5	117-157	13
Desp. Portugal	8	1	0	7	128-149	10

Jogos para amanhã

Desp. Portugal — Vilanovense
Braga — Desp. Póvoa
Maia — S. BERNARDO

S. BERNARDO, 32 - BRAGA, 18

Jogo no sábado, no Pavilhão Gimnodesportivo, sob arbitragem de uma «dupla» de última hora, constituída pelos jogadores Manuel Angelo (S. Bernardo) e Manuel Marques (Braga), na falta de árbitros oficiais, que, ao que nos informaram, tinham vindo do Porto, às tarde — por erro de horas na respectiva nota de convocação...

Alinharam e marcaram:

S. BERNARDO — Chincha (Carlos Alebrto), Élio (7), Madail (1), Helder

Continua na página 6

GALITOS — CAMPEÃO NORTENHO DA III DIVISÃO

ao vencer (76-71) o C. P. MATOSINHOS

RELATO DE **CARLOS BIO**

Árbitros — **Luís Machado e Alberto Figueiredo (de Lisboa).**

GALITOS — Vítor (16-4), Robalo (0-4), Abreu (0-6), Esgueirão (8-12), Chuva, Flávio, Américo, Peixinho (6-10), Moreira (6-4) e Tó-Mané.

C.P.M. — Martins (7-19), José Cruz (1-2), António Azevedo, Araújo (8-6), Luís, Guimarães (0-2), Soares (2-0), Nelson e Lopes (14-10).

1.ª parte: 36-32. 2.ª parte: 40-39.

ANÁLISE DO JOGO

Perante duas ruidosas e entusiásticas falanges de apoio, realizou-se no passado sábado, no Pavilhão da Ovarense, a meia-final nortenha do Campeonato Nacional da III Divisão, entre as equipas do Clube dos Galitos e do Centro Paroquial de Matosinhos.

Com ambos os «cincos» a defender individualmente, o Galitos começou da melhor maneira, ga-

Continua na página 6

Depois de duas épocas na III Divisão, em consequência de «jogadas de Secretaria» os basquetebolistas do Clube dos Galitos conseguiram, em campo, recuperar a posição de que se viram arredados, na II Divisão, onde voltam a estar presentes na próxima temporada. A gravura, acima, mostra-nos os jogadores alvi-rubros (falta, na foto, Adriano Robalo), acompanhados pelo treinador José Nogueira, pelos dirigentes Amorim Martins, José Pinheiro e Manuel Neto, e pelo massagista Sucena.

DISTO E DAQUILO... AO ACASO

QUE LOUCURA!

UM TEXTO DO DR. LÚCIO LEMOS

1 — O Boavista assegurou há dias o concurso, para a próxima época, do categorizado e ainda técnico de futebol do Benfica — campeão nacional — Mário Wilson.

Segundo lemos no «Mundo Desportivo», o contrato entre Mário Wilson e o Boavista estabelece que ao treinador da próxima época o clube axadrezado irá pagar 1200 contos anuais e 35 contos mensais. Por outras palavras, ou fazendo as contas de outra forma mais realista e mais fácil de perceber, Mário Wilson passará a receber pelos serviços que vai prestar ao Boavista 135 contos por mês.

Esclareça-se que, antes de se decidir em definitivo, Mário Wilson propôs ao Benfica (clube onde, segundo declarou, gostaria de permanecer) um contrato na base de 750 contos anuais acrescidos de 35 contos por mês. Estes números correspondem a 97500$00/mês.

O Benfica contrapropôs 450 contos e 30 contos respectivamente (o que, somado, equivale a 67 500$00/mês);

2 — Os jogadores profissionais do Boavista Taí e Celso vão ingressar no F. C. do Porto em condições muito mais vantajosas do que aque-

Continua na página 6

BEIRA-MAR e S. BERNARDO *continuam na* «Taça de Portugal»

Teve início, na penúltima semana, a «Taça de Portugal», em andebol de sete, apurando-se, na eliminatória inaugural (Zona Norte) os seguintes desfechos:

Desportivo de Portugal, 21 — Desportivo da Póvoa, 18. Maia, 24 — Bonfim, 13. Vilanovense, 16 — António Aroso, 14. Académica de S. Mamede, 21 — Vitória de Guimarães, 9. Lapa, 15 — Leixões, 14. Aguas Santas,? — Sport, ?. Paroquial, 10 — Académico, 25. Escola Carlos Amarante, 13 — Senhora da Hora, 15. Francisco d'Holanda, 11 — S. BERNARDO, 17. Académico de

Continua na 6.ª página

BADMINTON

TORNEIO DO CLUBE DOS GALITOS

Como estava programado, a Secção de Badminton do Clube dos Galitos levou a efeito, no último fim-de-semana, a competição em epígrafe, que teve a participação de quase meia centena de concorrentes (exactamente, 46 atletas), em representação de cinco colectividades, que, no final, se classificaram pela seguinte ordem:

1.º — C. D. U. P. 2.º — Clube dos Galitos. 3.º — Clube de Albergaria. 4.º — Universidade de Aveiro. 5.º — Núcleo de Badminton de Avanca.

Nas várias finais, os desfechos foras os que a seguir indicamos:

Singulares — Senhoras

Helena Vidinha (Galitos) — Maria Cristina (Clube de Albergaria), 2-0 (11-6 e 11-5).

Singulares — Homens

Luís Regala (Galitos) — Ambrósio Pereira (Universidade de Aveiro), 2-0 (15-11 e 15-13).

Pares — Homens

António Pires e Albano Neves (C. D.U.P.) — José Pinho e Luís Regala (Galitos), 2-1 (15-11, 11-15 e 15-11).

Pares — Senhoras

Helena Vidinha e Manuela Pereira (Galitos) — Manuela Vieira e Isabel Patacão (C.D.U.P.), 2-1 (5-15, 15-14 e 17-14).

II TORNEIO DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE

No último domingo, de tarde, integrado no programa das Festas da Cidade, disputou-se, na Piscina do Fundo de Fomento, o **II Torneio dos Mártires da Liberdade** — competição que englobou uma dúzia exacta de provas, em que intervieram clubes de Coimbra (Académica, Académico e União) Figueira da Foz (Ginásio) e Porto (Cdup, Fluvial, F. C. do Porto e Leixões) e uma Selecção de Aveiro, constituída por nadadores do Algés e A'gueda e do Sporting de Aveiro.

Registamos, adiante, os resultados técnicos apurados — ficando para outro ensejo novas considerações sobre este torneio, sem dúvida de enorme interesse, com vista ao desejado ressurgimento da modalidade na nossa região.

Eis as classificações:

400 metros-livres — femininos

1.ª — Deborah Lord (Porto), 4.56. 2.ª — Adelaide Melo (Académico), 5.38.4. 3.ª — Eugénia Oliveira (Fluvial), 5.39.2. 4.ª — Fátima Pereira, (Ginásio), 6.13. 5.ª — Teresa Ribeiro (União), 6.16. 6.ª — Maria Fátima Marques (Leixões), 6.20.5. 7.ª — Luísa Lopes (Cdup), 7.05.5. 8.ª — Susana Moura (Académica), 7.40.3.

400 metros-livres — Masculinos

1.º — Paulo Frischknecht (Porto), 4.18.5. 2.º — António Botelho de Melo (Académico), 4.24.3. 3.º — Jorge Miguéis (Académica, 4.41. 4.º — António Baltar Leite (Fluvial), 4.56.5. 5.º — Martins Pereira (Ginásio), 5.12.6. 6.º — Paulo Renato Silva (Leixões), 5.51.2. — Armando Canas (União), 5.46.5. 7.º 8.º — Sérgio Matos (Cdup), 6.20.7. 9.º — Bério Marques (Sel. Aveiro), 6.25.2.

200 metros-estilos — femininos

1.ª — Teresa Faria (Académico), 2.45.1. 2.ª — Maria Paula Andrade (Porto), 2.46.3. 3.ª — Eulália Silva (Fluvial), 3.02.3. 4.ª — Maria Luzia Silva (Leixões), 3.15.3. 5.ª — Paula Moura (Académica), 3.25.1. 6.ª — Fátima Pereira (Ginásio), 3.28.1. 7.ª — Luísa Lopes (Cdup), 3.51.4.

200 metros-estilos — masculinos

1.º — Rui Abreu (Académico), 2.22.9. 2.º — António Florim (Fluvial), 2.34.5. 3.º — Rolando Freitas (Porto), 2.37.9. 4.º — Pedro Matias (União), 2.38.8. 5.º — Fausto Ângelo (Académica), 2.48.8. 6.º — Filipe Ferreira (Cdup), 2.58.2. 7.º — José Ramalheira (Sel. Aveiro), 2.58.9. 8.º — Rui Maia (Leixões), 3.37.3.

100 metros-bruços — femininos

1.ª — Maria Paula Santana (Porto), 1.23.1. 2.ª — Maria da Cruz Mendes (Académico), 1.29. 3.ª — Eulália Silva (Fluvial), 1.32.7. 4.ª — Isabel Torres (Académica), 1.34.2. .5ª — Maria Teresa Cerqueira (Leixões), 1.40.4.

Continua na página 6

Xadrez de Notícias

O Campeonato Nacional da I Divisão, em futebol, regressa, no domingo, com os desafios — de interesse palpitante, sobretudo para os grupos colocados na cauda da tabela — correspondentes à 29.ª jornada, penúltima da competição.

Vai cumprir-se o seguinte programa: Sporting — Benfica, Cuf — Boavista, Braga — Leixões, Farense — BEIRA-MAR, Belenenses — Atlético, Académico — Estoril, União de Tomar — Vitória de Guimarães e Porto — Vitória de Setúbal.

Concluiram-se, no sábado, com a última jornada do Torneio de Atletismo, as III Olimpíadas dos Bancários de Aveiro. Contamos poder incluir, no próximo número deste semanário, os desfechos apurados nas derradeiras provas, a exemplo do que temos vindo a registar nas modalidades oportunamente jogadas.

Com vista à formação da Selecção do Norte de Juniores, em andebol de sete, foram pré-seleccionados os seguintes jogadores de clubes aveirenses: José Silvares, Manuel Sousa e Francisco Costa — todos do Beira-Mar; e Vieira — do S. Bernardo.

Continua na 6.ª página

Provas Aveirenses

● O Campeonato Regional de Fundo para «Populares» organizado pela Associação de Ciclismo de Aveiro, ficou concluído, com a seguinte classificação final:

1.º — José Bispo (Sangalhos), 6-07.39. 2.º — Antero Soares (Sangalhos), 6-10.15. 3.º — Páris Silva (Sangalhos), 6-12-31. 4.º — Mário Cabral (Sangalhos), 6-16-11. 5.º — Joaquim Martins (União de Coimbra), 6-40-07. 6.º — José Pombinho (União de Coimbra). 7.º — Carlos Pires (Sangalhos). 8.º — Carlos Almeida (Sangalhos) — os três últimos sem tempo global, dado que não disputaram todas as provas do campeonato.

Os seis primeiros ficaram apurados para o Campeonato Nacional.

Continua na 6.ª página

DESPORTOS • SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO • LITORAL • N.º 1110 • 21-5-76 • AVENÇA